

mercado coronavírus

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

EUA e China mostram que negócios devem prevalecer à ideologia

Algumas autoridades brasileiras deveriam aprender regras de negociações com EUA e China. Mesmo durante uma nova onda de guerra fria, os dois países avançam na comercialização de produtos agrícolas.

Os americanos buscam vender o quanto podem para os chineses, enquanto estes, apesar de fechamento mútuo de consulados, aceleram as compras porque necessitam dos alimentos dos EUA.

No Brasil, um dos principais fornecedores de produtos agrícolas e de carnes para a China, ainda há quem misture política com negociações comerciais e busque frear essa corrente de comércio, essencial para o Brasil.

Mesmo em um momento de acirramento de tensões entre os dois líderes mundiais, os chineses já encomendaram 8 milhões de toneladas



Colheita de soja na Carolina do Norte Charles Mostoller - 29.nov.18/Reuters

de soja dos americanos da safra 2020/21, que ainda está na lavoura. No mesmo período do ano passado, as compras eram inferiores a 200 mil.

Os chineses, na verdade, estão fugindo dos custos do produto brasileiro e, com isso, avançam no acordo comercial da chamada fase 1 que fizeram com os americanos.

O produto brasileiro está ficando muito caro e escasso. De janeiro a junho, o Brasil exportou 60,3 milhões de toneladas de soja, 38% mais do que no ano passado. Os chineses levaram 43,4 milhões de toneladas dessa soja. Neste mês, deverão sair mais 9 milhões dos portos brasileiros.

Daniele Siqueira, da AgRural, diz que os chineses levam em consideração as condições de mercados e, neste momento, só os Estados Unidos têm grande volume de soja.

O Brasil termina julho com vendas externas de 69 milhões de toneladas da oleaginosa, podendo chegar a 80 milhões no ano.

Resta, portanto, pouca soja

para os próximos cinco meses, o que encarece o produto tanto para a indústria nacional quanto para as exportações, segundo a analista.

A China, que está recompondo o rebanho de suínos, muito afetado pela peste suína africana, necessita de matéria-prima para a produção de ração.

Mas o país asiático também vem de uma crise provocada pelo coronavírus, e o consumidor teve perda de renda. A redução de custos nas importações é essencial.

O Brasil continua sendo o grande mercado para os chineses, mas os preços internos elevados neste ano diminuem a competitividade brasileira neste segundo semestre. A saca de soja em Cascavel (PR) está próxima de R\$ 107, e em Sorriso (MT), de R\$ 94.

Com isso, diferentemente do que ocorreu em 2018, neste ano a política fica de lado, e os americanos, cuja colheita ocorre neste segundo semestre, passam a ser os fornecedores dos chineses.

BIOINSUMOS As grandes empresas, maiores detentoras da produção de químicos, avançam na produção de insumos biológicos para a agricultura. A Basf coloca no mercado seu primeiro biofungicida para hortifrúteis.

CAMINHANDO JUNTOS Para Rodrigo Pifano, da Basf, a atividade produtiva e o ambiente devem andar de mãos dadas. Já Pedro Mendonça, também da empresa, diz que, ao induzir a resistência da planta, o bioinsumo melhora a qualidade final do produto.

MERCADO O uso de insumos biológicos atinge 20 milhões de hectares no país, diz a CropLife Brasil. São movimentados R\$ 700 milhões ao ano.

INVESTIMENTOS O desenvolvimento de um bioinsumo leva de cinco a dez anos, segundo a Basf. Para a CropLife, o custo mínimo de um produto de cinco anos de desenvolvimento é de US\$ 7 milhões até chegar ao mercado.

Itamaraty pediu visto para Weintraub entrar nos EUA

Ministério diz que ex-titular do MEC solicitou 'bons ofícios' para obter autorização

Renato Machado

BRASÍLIA O Ministério das Relações Exteriores confirmou que intercedeu na embaixada dos Estados Unidos para a obtenção do visto de entrada para o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub.

O visto foi solicitado no passaporte diplomático do ex-titular do MEC, que havia sido designado para um cargo no Banco Mundial.

Em resposta a dois pedidos via Lei de Acesso à Informação, o Itamaraty respondeu que o próprio Weintraub comunicou o chanceler Ernesto Araújo de que iria assumir o cargo de diretor-executivo no Banco Mundial. Por isso, o ex-ministro solicitava os "bons ofícios" do Itamaraty para requerer o visto.

O pedido de Weintraub a Ernesto Araújo se deu no dia 18 de junho, exatamente a data em que o então ministro e o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) publicaram um vídeo no qual anunciam a saída do então titular do MEC.

Weintraub disse a Araújo que pretendia viajar com a "brevidade possível".

"Na ocasião, o senhor Weintraub apresentou carta, datada de 17 de junho de 2020, pela qual o Ministério da Econo-

mia informava o Banco Mundial sobre a indicação e solicitou os bons ofícios do Ministério das Relações Exteriores para requerer visto de entrada nos Estados Unidos", informa trecho da resposta.

A resposta ainda esclarece que o pedido de visto foi encaminhado à embaixada americana no mesmo dia 18.

Dois dias depois, seu irmão Arthur Weintraub publicou em redes sociais que Abraham já estava em território americano.

Procurada, a embaixada dos Estados Unidos não havia respondido até a conclusão deste texto se concedera o visto ao então ministro ou se ele viajou com outro documento que não o passaporte diplomático.

Abraham Weintraub é investigado pelo STF (Supremo Tribunal Federal), no âmbito do inquérito das fake news. Durante reunião ministerial em 22 de abril, cujo conteúdo foi divulgado por decisão do Supremo, Weintraub também disse que deveriam se colocar "vagabundos na cadeia" e "começando pelo STF".

O Ministério das Relações Exteriores também afirma que se trata de um procedimento "habitual" interceder em casos de representantes

do governo brasileiro designados para atuar em instituições internacionais.

O pedido encaminhado pelo Itamaraty à embaixada dos Estados Unidos também informa que a missão de Weintraub no Banco Mundial se dará de 19 de junho a 31 de dezembro deste ano.

No entanto, o processo de escolha do novo diretor-executivo apenas acontecerá nos últimos dias deste mês. Além disso, o mandato termina em outubro, e uma recondução dependeria de nova eleição.

Caso seja escolhido, Weintraub vai assumir inicialmente apenas pelo restante do mandato de Fábio Kanczuk, que passou a ocupar um cargo no Banco Central. A resposta do Ministério das Relações Exteriores também contém a original da carta do ministro Paulo Guedes (Economia), no qual indica Weintraub ao Banco Mundial e solicita a abertura do processo de escolha para a vaga interina.

Em uma outra resposta, o Ministério das Relações Exteriores informou que não deu apoio logístico na chegada do ex-ministro aos Estados Unidos e que nenhum diplomata o recebeu em aeroportos americanos.

A viagem de Weintraub aos

Estados Unidos foi marcada por polêmicas em relação à data de sua exoneração do cargo de ministro. Inicialmente, o governo de Jair Bolsonaro (sem partido) publicou a exoneração no Diário Oficial da União a partir do dia 20 de junho.

Nessa data, Arthur Weintraub informou que seu irmão já estava nos Estados Unidos.

Na semana seguinte, no entanto, Bolsonaro retificou a data de exoneração, que passou a valer a partir do dia 19.

A Secretaria de Governo alegou na ocasião que a carta de demissão só chegou ao ministro Jorge Oliveira no sábado (20).

Além disso, questionou-se na ocasião o possível uso do passaporte diplomático, destinado a autoridades em exercício do mandato.

O Ministério das Relações Exteriores, em sua resposta, via Lei de Acesso à Informação, informou que os passaportes diplomáticos para ministros de Estado são expedidos pelo prazo do mandato do presidente da República. Portanto, afirma, não caberia à pasta a retenção do documento.

Procurado, o Itamaraty não havia fornecido mais detalhes até a conclusão deste texto.

Novo pacote prevê US\$ 1 tri de incentivo à economia americana

Marina Dias

WASHINGTON Após uma longa batalha política entre a Casa Branca e seus aliados no Congresso, senadores republicanos — do partido de Donald Trump — apresentaram nesta segunda-feira (27) a proposta de um novo pacote de estímulo no valor de US\$ 1 trilhão (R\$ 5,15 trilhões), em mais uma tentativa de reduzir o impacto do coronavírus na economia dos EUA.

A medida, que ainda precisa ser aprovada pelo Legislativo, prevê uma segunda rodada de pagamentos de US\$ 1.200 (R\$ 6.200) aos americanos, mas reduz de US\$ 600 (R\$ 3.100) para US\$ 200 (R\$ 1.030) o valor semanal do seguro-desemprego repassado pelo governo Trump aos que perderam trabalho em meio à pandemia.

O projeto, entre outros itens, também destina US\$ 105 bilhões em recursos para ajudar na reabertura das escolas, US\$ 16 bilhões para subsidiar testes de Covid-19 e ao menos mais US\$ 100 bilhões no auxílio para pequenas empresas, com incentivos para a reconstrução de trabalhadores.

O pagamento de US\$ 600 semanais de seguro-desemprego, que estava sendo feito em caráter emergencial durante a pandemia, expira na sexta-feira (31) e se tornou palco de uma disputa política entre aliados e adversários de Trump.

Os democratas, de oposição ao presidente, querem prorrogar o benefício até janeiro, sob o argumento de que a taxa de desemprego no país permanece alta, na casa dos 11% — mais de 30 milhões de pessoas pediram acesso ao auxílio desde o início da pandemia.

Os republicanos, por sua vez, dizem que prolongar o benefício ou mantê-lo em US\$ 600 poderia incentivar que americanos ficassem em casa, atrapalhando a reabertura econômica defendida por Trump. A ordem na Casa Branca, portanto, era reduzir o auxílio.

Os EUA têm hoje mais de 4,2 milhões de casos e 147 mil mortes por Covid-19 e ao menos 43 dos 50 estados americanos apresentam novos picos do vírus, fazendo com que diversos governadores, inclusive republicanos, revejam seus processos de retomada das atividades.

A estratégia dos senado-

res do partido de Trump era aprovar um pacote menor, com a redução dos benefícios aos desempregados, e deixar a negociação de outras medidas com os democratas para um segundo momento — projetos dessa magnitude precisam de chancela bipartidária.

O objetivo era duplo: tentar aprovar algo antes de sexta quando expira o prazo para o seguro-desemprego, e argumentar que a oposição tenta bloquear a extensão do benefício, caso os democratas não chegassem a um acordo sobre a proposta.

A presidente da Câmara, a democrata Nancy Pelosi, diz que seu partido é contra a fragmentação do pacote e que tudo deveria ser votado de uma única vez, visto que os benefícios são interligados. Ela reclamava da demora dos republicanos em colocar a proposta final sobre a mesa, devido aos impasses com a Casa Branca e entre os próprios integrantes da sigla, e dizia que os democratas estavam sempre à disposição para o debate.

O plano do líder da maioria, o republicano Mitch McConnell, era ter divulgado o pacote na semana passada, mas o impasse sobre o que fazer com o seguro-desemprego e outras questões prolongaram o prazo.

Os republicanos controlam o Senado e tentam por semanas chegar a um acordo com a Casa Branca sobre os números da proposta. Já a oposição democrata tem maioria na Câmara e, em maio, aprovou um pacote de US\$ 3 trilhões para ajudar na recuperação da economia.

A proposta dos aliados de Trump é reduzir o valor do seguro-desemprego a partir de setembro, até que os estados possam implementar um programa para pagar 70% da renda que os trabalhadores ganhavam antes de terem perdido seu emprego em decorrência da crise — o que poderia acontecer em dois meses. Mas ainda há dúvidas sobre a capacidade de os estados, que também lutam contra crises sem precedentes, conseguirem dar encaminhamento aos projetos.

Em campanha à reeleição, Trump teme que a crise econômica — atrelada à má avaliação popular sobre sua condução da pandemia — afete seus planos de continuar por mais quatro anos à frente da Casa Branca.



MÚSICOS TCHECOS PROTESTAM CONTRA MEDIDAS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL
Manifestação de músicos na Old Town Square, em Praga; indústria da música da República Tcheca reúne 130 mil pessoas, e atualmente só 15% estão ocupados, de acordo com organizadores do ato Michal Cizek/AFP